
Notas Bibliográficas

LACOSTE, Jean-Yves (dir.): *Dicionário Crítico de Teologia*. Tradução do original francês de 1998 por Paulo Meneses, Maria Stela Gonçalves, Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Campanário, Marcelo Perine. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004. 1967 pp., 23,5 X 16,5 cm. ISBN 85-15-02880-8.

A edição original francesa da presente obra (1998) já foi apresentada nesta revista (*PT* 30, nº 81 [1998] 285-291). Agora que aparece a tradução brasileira, o título talvez assuste, pois o termo “crítico” tem outras conotações. Nesta obra, tem o sentido que ganhou na Modernidade, especialmente desde Imanuel Kant: o conhecimento epistemologicamente consciente, ou seja, que não apenas descreve o objeto, mas leva em consideração as condições do sujeito do saber. A teologia católica levou algum tempo para assimilar, de modo natural e sem complexos, essa dimensão do saber. E olhe lá...

Quem conhece a teologia recente não estranhará encontrar entre os organizadores nomes como Paul Beauchamp (já falecido), Claude Geffré, Bernard Sesboüé e outros, sendo o organizador principal Jean-Yves Lacoste. Produzidas por 250 colaboradores, as quase duas mil páginas contemplam uns quatrocentos verbetes elaborados, verdadeiros artigos com amplas bibliografias. Juntamente com os verbetes meramente remissivos, o sistema de referências internas aumenta consideravelmente a utilidade. Se alguns verbetes são verdadeiros tratados, outras ficaram um pouco tacanhos, como aquele de Milbank sobre a (teologia da) libertação. Para esse verbete, poderiam ter pedido a colaboração de um dos nossos teólogos latino-americanos!

Quanto à tradução, nomes como Marcelo Perine, Paulo Meneses, Marcos Bagno etc. garantem a qualidade. Isso não exclui as tradicionais dificuldades das traduções de obras deste gênero. Deixando os pormenores para *tempus opportunum*, menciono aqui umas coisas que deveriam ser discutidas em nível editorial. A transliteração dos termos gregos e hebraicos, assim como está, trai influências francesas, p.ex., *u* em vez de *y* para o ípsilon grego, a acentuação etc. (Aliás, um francesismo inadmissível é o verbete “Hexaples” para falar da Hexapla de Orígenes). E a inclusão das traduções brasileiras das obras mencionadas na bibliografia deveria acontecer de modo a não se confundir com a bibliografia original, a qual, normalmente, menciona a data da edição de referência, mostrando a evolução cronológica, enquanto as traduções brasileiras vêm às vezes meio século depois. Além disso, as traduções brasileiras parecem mencionadas a esmo (assim, não se menciona, no verbete “Heidegger”, a tradução de *L'Être et le Néant*, de Sartre, etc.). Seria preferível fazer um apêndice especial das traduções, ligado aos verbetes por um sistema remissivo – inclusive porque, até a edição seguinte, muitas outras obras aparecerão em tradução brasileira. Tal apêndice funcionaria então como uma “bibliografia teológica brasileira”.

JK

PACOMIO, Luciano (ed.): *Lexicon*: dicionário teológico enciclopédico. Tradução do original italiano de 1993 por João Paixão Netto/Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003. 823 pp., 23,5 X 16,5 cm. Col. Dicionários Loyola. ISBN 85-15-02487-X.

Ao contrário do *Dicionário Crítico de Teologia*, recenseado acima, o *Lexicon* (por que sem acento?) é descritivo e, apesar de ter apenas a metade do tamanho, tem três vezes mais verbetes. Isso não significa que seja menos valioso: é de outro gênero, antes descritivo-informativo do que crítico. Foi produzido num círculo mais restrito, isto é, uma centena de teólogos ligados principalmente aos institutos romanos/italianos, entre os quais Fisichella. A obra tem sua matriz na teologia decorrente do Concílio Vaticano II e, inclusive, pode ser um guia prático para o estudo renovado deste concílio aos quase cinquenta anos de sua realização (e subsequente obscurecimento).

Parece estranho que a mesma editora publique dois dicionários teológicos no espaço de um ano. Contudo, as duas obras não entram em concorrência, antes se completam. O *Lexicon*, mais indicado para os iniciantes, serve para uma primeira orientação, o *Dicionário Crítico* para o estudo aprofundado e crítico, por exemplo, em nível de mestrado.

JK

DALE, Irvin / SUNQUIST, Scott W.: *História do movimento cristão mundial*: I. do cristianismo primitivo até 1453. Tradução do original inglês de 2001 por José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2004. 643 pp., 23 X 16 cm. ISBN 85-349-2196-2.

Este livro, publicado originalmente pela Orbis Books, vem em boa hora, atendendo à necessidade de conhecimento histórico geral de maneira sintética e acessível. Não se trata de uma história da Igreja, mas do movimento cristão, com suas múltiplas ramificações, situada sobre o pano-de-fundo da história geral das culturas. Desde o início, o horizonte abre-se não só para o Império Romano do tempo de Jesus, mas para as grandes áreas do mundo que naquele tempo conheceu notável desenvolvimento cultural e comercial: o mundo mediterrâneo (Império Romano), o mundo persa (dos partos), e até Índia e China. Sempre com a mesma lente grande-angular, percorrem-se os sucessivos momentos históricos até o limiar da Modernidade, 1453, a conquista de Bizâncio pelos muçulmanos.

Tal empreendimento só podia ser realizado por uma equipe ecumênica, majoritariamente composta de historiadores, sociólogos, missiólogos e teólogos norte-americanos, não faltando, porém, representantes dos outros (sub-)continentes. Esta variedade dos colaboradores proporciona, a respeito do que aconteceu no mundo cristão e ao seu redor, visões e compreensões bastante diferentes das costumeiras. Os nossos olhos abrem-se, por exemplo, quando lemos a história da Igreja Ortodoxa escrita por ortodoxos, e não por católicos latinos.

O estilo, normalmente, é leve, e as notas-de-rodapé, raras (fontes de citações explícitas). Em compensação, contém pistas bibliográficas para estudo aprofundado. A

exposição guia-se pelo consenso dos especialistas nos diversos temas abordados; portanto, não tem a pretensão de oferecer hipóteses revolucionárias. É também “politicamente correta”, sobretudo ao tratar tópicos que estão no centro da atenção nos EUA: o feminismo, o judaísmo, o diálogo das igrejas e das religiões. A tradução é da mão competente de J. Raimundo Vidigal, mas algumas influências do original inglês transparecem (o abuso de “eventualmente”), e alguma vez a verificação da coerência ficou imperfeita (p. ex., na p. 550, o “co-imperador” definido como filho do ex-imperador, depois é mencionado como filho de Miguel Paleólogo). Quanto à apresentação gráfica, só louvor. Mapas e ilustrações – sem luxo, em preto-e-branco – vêm facilitar a visualização das matérias.

JK

COLAVECCHIO, Ronaldo L.: *Jesus Nazareu: o transbordar da vida que é amor; comentário sobre o Evangelho de São João, capítulos 1-12*. São Paulo: Loyola, 2004. 143 pp., 21 X 14 cm. ISBN 85-15-02752-6.

Neste breve comentário sobre o Livro dos Sinais (João 1-12), o Pe. Ronaldo medita – um pouco na linha inaciana dos “mistérios da vida de Jesus” – sobre esta vida no meio de nós como manifestação do amor do Pai. Mas não se restringe à parte narrativa. Contempla também o Prólogo de João e os discursos de Jesus (pão da vida, bom pastor etc.). Jesus nos faz conhecer o Pai, doador da Vida, pela vida que ele viveu no meio de nós. Mais: somos por ele convidados a participar dessa mesma vida divina que manifesta o amor do Pai e assim tornarmo-nos filhos e filhas do Pai.

Fazemos votos de que também o Livro da Glória (João 13-20) se torne objeto de semelhante meditação do Pe. Ronaldo.

JK

GNILKA, Joachim: *Bibel und Koran: was sie verbindet, was sie trennt*. Freiburg / Basel / Wien: Herder, 2004. 216 pp., 21 X 14 cm. ISBN 3-451-28316-6.

O A. é reconhecido especialista na área da exegese do Novo Testamento e da Hermenêutica Bíblica. Com esta obra, empreende uma incursão no mundo das relações entre dois livros sagrados, a Bíblia e o Alcorão. A obra divide-se em três partes. A primeira apresenta o *Hintergrund* histórico das relações entre judeus e cristãos com as populações da península arábica pré-islâmica, incluindo também dados bio-historiográficos sobre Jesus e Maomé.

Na segunda parte, Gnilka faz uma comparação, em termos gerais, entre a Bíblia e o Alcorão: o processo de surgimento dos textos, o modo como são entendidos e valorizados como revelação nas respectivas tradições religiosas, a organização e a articulação de suas partes, os temas e personagens bíblicos presentes no Alcorão.

Na terceira parte, que também é a mais longa, o A. trabalha temas teológicos comuns a ambas as Escrituras: a imagem de Deus, a Criação, os portadores da Mensagem, o papel de Jesus, o de Abraão, a antropologia, a escatologia, as questões éticas. É interessante que, não dando por conhecida a concepção cristã a respeito desses temas, apresenta-as sinteticamente a partir dos dados tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Nessa tarefa, Gnilka demonstra uma excelente capacidade de síntese, apresentando em poucos parágrafos o dado bíblico cristão (em parte coincidente com o do judaísmo no que toca ao Antigo Testamento), para então apresentar as concepções muçulmanas oriundas do Alcorão. Assim, além de ser uma excelente introdução ao Islamismo a partir do Alcorão, o livro é, ao mesmo tempo, um prático e breve compêndio de teologia bíblica judaico-cristã.

No final da obra, o A. faz um resumo dos pontos de concordância e de discordância entre os dois livros sagrados, concluindo com a apresentação de dois pontos que, na sua opinião, podem ajudar a aproximá-los. O primeiro, a vocação de Abraão, com a qual, tanto para as religiões bíblicas quanto para os veneradores do Alcorão, se teria iniciado a História da Salvação.

O segundo ponto de concordância seria a fé em um Deus criador. Essa dimensão comum à fé judaico-cristã e muçulmana teria, pois, como consequência que os leitores, tanto da Bíblia quanto do Alcorão, se considerassem criaturas do Deus criador. Uma vez que em ambos os livros sagrados elevam-se hinos de louvor ao Criador, esse reconhecimento comum poderia ou deveria ser suficiente para que seus leitores e veneradores sentissem-se unidos na mesma responsabilidade pela criação, obra de Deus.

Nos tempos de hoje, em que a curiosidade, e a ignorância, sobre o Islamismo e seu livro sagrado se mostram tão prementes, uma obra como esta, que apresenta informações básicas com clareza, equilíbrio e isenção, é uma contribuição importante.

CP